



Feira de troca de livros

Para incentivar a leitura e permitir que alunos com dificuldade de adquirir material didático tenham acesso aos livros de que precisam, a Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias e o Setor de Atendimento Comunitário (PAC) organizam a *Feira de troca e doação de livros*. A primeira edição recebeu 798 obras; evento será realizado novamente dia 11/11, no campus Monte Alegre. Pág. 05

Novidades na Geografia

O novo cenário profissional, integrado às novas tecnologias, diversificou a formação em Geografia. Além da docência, os geógrafos atuais podem unir o tradicional saber da área a ferramentas digitais (geoprocessamento) ou a outros campos, como os negócios (geomarketing). "Quem não for atrás das novidades vai ficar fora do mercado", afirma o coordenador do curso, Gustavo Coelho. Pág. 11



PUC-SP

PUC-SP em Notícias

Jornal mensal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

#78

Ano 6 - Outubro 2015

www.pucsp.br



[puc_sp](#)

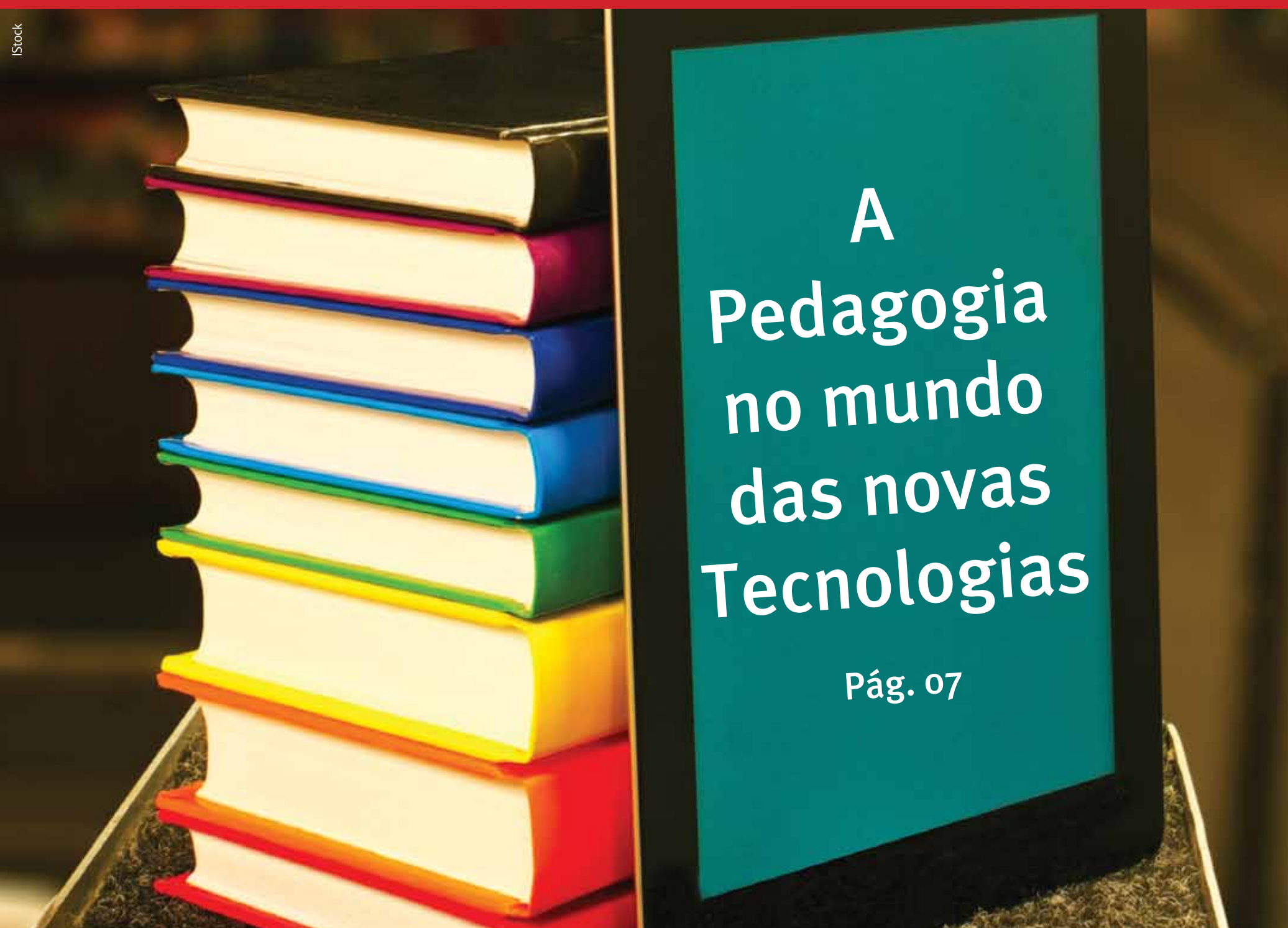


[PUCSP.Oficial](#)



[puc_sp](#)

IStock



03

Agentes de área e auxiliares surdos: os guardiões do campus Monte Alegre

06

Prêmio Capes de Tese: menção honrosa para doutorado de ex-aluna da PUC-SP

10

Arte: pesquisa vira referência bibliográfica para a história da Bienal SP

12

Entrevista do Mês: Rafael Araújo fala sobre política e mobilização digital



Editorial

A pesquisa e a produção de conhecimento são as esferas que permitem renovar as universidades, seu ensino e a prestação de serviços que oferecem à sociedade. Aqui na PUC-SP, a investigação científica é prioridade; prova disto é o reconhecimento, pela comunidade científica, do saber construído na nossa Instituição.

Um modo de prestigiar é conceder prêmios. Entre os destaques desta edição de **PUC-SP em Notícias**, contamos a menção honrosa, no *Prêmio Capes de Tese*, a um estudo defendido no Pós em Educação: História, Política, Sociedade (pág. 06). Outra forma de reconhecer qualidade de um trabalho é incluí-lo em uma coleção bibliográfica: o Arquivo Bienal fez isso ao integrar, em seu acervo, a iniciação científica da graduanda Mariza Moreira Mainieri (Arte: História, Crítica e Curadoria) sobre a 16ª Bienal (pág. 10).

O que dizer então de um convite para um docente de Direito ministrar palestra sobre seu tema de estudo

na mais alta Corte do país? Foi o que aconteceu com o professor Luiz Alberto David Araújo, convidado pelo ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, para apresentar a ele e seus assessores aspectos atuais sobre os direitos das pessoas com deficiência (pág. 05).



Celebramos ainda os 40 anos do Pós em Educação: Currículo e seus quase 1.200 mestrados e doutorados concluídos (pág. 07). O programa comemorou a data com dois eventos e uma discussão importante sobre o papel das Tecnologias no campo educacional, assunto que tem sido cada vez mais abordado nas suas pesquisas de pós-graduação. O impacto e reconhecimento desse trabalho pode ser resumido na seguinte frase: “Em 40 anos, o curso de pós-graduação da PUC-SP soube não somente acompanhar como pautar esse tema tão importante”, declaração de Guilherme Canela Godoi, mem-

bro da Unesco.

Tão importante quanto produzir o conhecimento é ampliar sua visibilidade e sua apropriação pelo público. Os professores João Décio Passos e Wagner Sanchez (Ciências da Religião), organizadores do *Dicionário do Concílio Vaticano II*, o primeiro dicionário do país na área de Teologia, atingiram essa meta: lançado em junho, devido à alta procura, o livro terá, em breve, uma segunda edição (pág. 06). Para difundir dados sobre a flora sorocabana, o curso de Ciências Biológicas doou uma parte de seu acervo de plantas secas para o Jardim Botânico da cidade (pág. 08). A circulação de saber (ao lado do estímulo ao hábito de ler) é um dos pontos centrais, ainda, da *Feira de Troca e Doação de Livros* (pág. 05), projeto da Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias e pelo Setor de Atendimento Comunitário (PAC).

Por fim, convidamos vocês a descobrirem as outras reportagens desta edição: boa leitura!

Oficinas ACI

Jornalismo e empreendedorismo

A Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) reuniu mais de 170 jornalistas para a oficina Empreendedorismo Digital, dia 23/9, no campus Santana. A professora Pollyana Ferrari (Departamento de Jornalismo) e o jornalista Leandro Beguoci abordaram as inovações na comunicação, as redes sociais e como o profissional da área pode empreender com sucesso na internet. Com redações e oportunidades reduzidas, ambos estimularam os presentes a abrir caminhos no espaço digital.

Gabrielly Araújo, ex-aluna da PUC-SP que trabalhou na Folha de S. Paulo, declara que a oficina contribuiu para sua reinvenção profissional. “Penso em ter o meu próprio site voltado para o Jornalismo. Ouvir pessoas com esse tipo de experiência é muito positivo para conseguir enxergar novas possibilidades.

Concordo plenamente com a professora Pollyana quando ela nos disse que, hoje em dia, todos nós somos mídia.”

Shobhan Saxena, correspondente em São Paulo do jornal Times of India, relata que se surpreendeu em conhecer o cenário jornalístico brasileiro, bastante distinto do encontrado em seu país. Segundo ele, o veículo no qual trabalha vende cerca de 5 milhões de exemplares por dia e o número continua crescendo. No Brasil, argumenta, o jornal de maior tiragem vende apenas 300 mil exemplares. “Eu vim aqui para saber mais sobre o que está acontecendo com a mídia brasileira, especialmente com as novas mídias, e consegui. Foi muito interessante, informativo, e os palestrantes são ótimos”, avaliou. **(L. P.)**



Auditório do campus Santana ficou lotado de jornalistas interessados em saber como enxergar oportunidades e iniciar projetos em meios digitais

Agentes de área e auxiliares surdos Inclusão e apoio na Monte Alegre



Divulgação Direção do campus Monte Alegre

Agentes de área e auxiliares surdos do campus Monte Alegre: unidos na inclusão e no suporte às atividades acadêmicas, aos ambientes de convivência e à manutenção



Maria Fagundes / ACI

Após pouco mais de um ano do início dos trabalhos, a Direção do campus Monte Alegre consegue ver resultados com a presença dos agentes de área nos corredores da PUC-SP. Responsáveis por dar suporte à comunidade acadêmica e intervir nos ambientes de convivência, o grupo formado por 12 agentes é reforçado por 18 auxiliares. “Estatísticas da Ouvidoria mostram que, no que diz respeito à busca por informações por parte da comunidade interna e externa, abertura e fechamento de salas e colocação de cartazes em locais indevidos, houve uma melhora de 100% graças à equipe”, afirma Maykel Chagas, diretor do campus Monte Alegre.

Entre as responsabilidades estão ainda registrar manutenções necessárias, como portas quebradas e lâmpadas queimadas; elas são reunidas em uma planilha online compartilhada nos tablets utilizados pelos funcionários. Os profissionais são treinados para orientar e auxiliar o cumprimento da lei antifumo e demais ocorrências. Todos possuem curso de primeiros-socorros e de brigada de incêndio. “É um trabalho bem completo, com interface nos setores de limpeza, segurança, manutenção e audiovisual”, ressalta Maykel.

Desde o ano passado, os agentes fizeram o curso de Libras, já que todos os auxiliares contratados são surdos. Por sua vez, para se comunicarem com alunos e professores, eles utilizam aplicativos móveis que traduzem a fala em texto. Os colaboradores surdos também foram preparados para atuar em concursos e vestibulares realizados nas dependências da PUC-SP.

“É meu primeiro emprego e estou feliz, conhecendo muita gente. É uma grande oportunidade profissional”, avalia a auxiliar Andressa Carolina Costa Lima, que também é aluna de Pedagogia (outros cinco funcionários ingressaram na graduação). “Já havia trabalhado na área, mas sinto que aqui a experiência está sendo mais proveitosa por estar associada à inclusão”, considera Flavio André Bregge, agente do período matutino e vespertino.

Os campi Consolação e Ipiranga possuem um agente cada.

Conselho de reitores PUC-SP na Diretoria do CRUB



Alberto Ruy / Divulgação CRUB

A reitora Anna Maria Marques Cintra foi empossada na Diretoria do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), na noite de 16/9, em Brasília. A professora Anna Cintra é um dos cinco titulares do Conselho Deliberativo do CRUB para o biênio. Cabe ao órgão apreciar e autorizar a execução de planos, projetos, estudos, contratos e convênios, avaliar e definir a homologação de propostas do presidente da entidade, examinar proposta orçamentária e prestação de contas, entre outras tarefas. Criado em 1966, o CRUB reúne reitores de universidades e centros universitários brasileiros, com o objetivo de integrar as instituições e fortalecer sua autonomia, buscando o permanente aperfeiçoamento da educação superior do país. **(Da Redação)**



Fala PUC-SP

Crise mundial de imigração

Letícia Peixoto e Mara Fagundes

Os últimos dados divulgados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) revelaram que, em 2014, mais de 59 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus países de origem por conta de guerras e conflitos. Segundo a agência, em 2013, pela primeira vez o número de refugiados ultrapassou os deslocamentos causados pela 2ª Guerra Mundial. Em 2015, o drama da população síria chamou ainda mais atenção para a questão. Apenas Turquia, Líbano e Jordânia, países que têm acolhido estas pessoas, somam em seus territórios mais de 3,6 milhões de sírios, de acordo com a Comissão Europeia e o Acnur. Neste mês, **PUC-SP em Notícias** ouviu a comunidade acadêmica a respeito do assunto e sobre o que o Brasil e o restante do mundo podem fazer para amenizar o problema.

Mara Fagundes / ACI



Eu vejo que é uma situação bem complicada. Eles vivem em um país que tem guerra civil. Não querem abandonar sua própria cultura, mas dependem disso para sobreviver. Infelizmente esses povos não estão sendo bem aceitos pela sociedade, pela Europa, que os explorou no passado. Acho que é preciso abrir espaço para os refugiados nas nações que têm condição de recebê-los, com o máximo de estrutura possível.

Beatriz de Souza Carmo, aluna de Relações Internacionais

Mara Fagundes / ACI



Penso que a questão dos refugiados ficou muito burocrática e que o ser humano se tornou alguma coisa muito egoísta, egocêntrica. Sempre esquecemos que há pessoas em situações muito piores e que precisam de ajuda. O Brasil deveria abrir as portas, ter uma política melhor para estrangeiros, criar oportunidades de emprego e locais comunitários para abrigá-los, pelo menos até que eles tenham condições de se reestabelecer.

Juliana Montans, estudante de Psicologia

Mara Fagundes / ACI



Acredito que esse problema resulta sempre da interferência dos países capitalistas centrais nos subdesenvolvidos, obrigando as pessoas a saírem para tentar a vida em outros lugares. Para mim essa situação não tem como ser resolvida, o que se pode fazer é amenizar o sofrimento dos que chegam. O Estado deve criar políticas públicas sérias para poder abrigar esses povos e discutir com a população modos de acolhê-los.

Hoberth dos Santos, mestrando em Educação: História, Política e Sociedade

Mara Fagundes / ACI



Grande parte dos refugiados está migrando pelo mar Mediterrâneo para locais como Grécia, Itália, Espanha. Mas muitos estão concentrados na Jordânia, que está sofrendo com isso. Os europeus apresentam resistência em receber essas pessoas e deveriam passar a aceitá-los mais e mais. Para aqueles que já estão dentro dos novos países, deveria ser criada uma política mais dinâmica, integrando-os, por exemplo, ao mercado de trabalho.

Rafael Orvalho Moral, aluno de História

Mara Fagundes / ACI



Para mim, a solução é acabar com a guerra nos países. Quando você conseguir realmente acabar com elas, as pessoas não terão por que sair e se refugiar em outro lugar. Uma maneira de solucionar a questão seria a ONU intervir. O Brasil poderia dar visto aos refugiados, como já está fazendo, porque nós estamos um pouco longe do conflito na Síria. Além de recebê-los aqui, podemos realizar uma pressão na comunidade internacional.

Sofia Lemos de Almeida, graduanda em Direito

Mara Fagundes / ACI



Essa é uma questão própria do colonialismo. Os países europeus foram até essas nações, roubaram suas riquezas, colonizaram os povos. Agora que eles estão numa situação difícil, de guerra, a Europa se nega a colaborar. O Brasil poderia abrir suas fronteiras, principalmente ao Haiti, que está aqui perto, e também para os demais países que precisam. Mas com consciência. É necessário registrar essas pessoas, não deixar que exerçam mão de obra escrava e nem trabalhos vulneráveis.

Leone Eduardo Moura, graduando em Serviço Social

Mara Fagundes / ACI



Essa crise política é consequência do capitalismo. Devem existir políticas de auxílio para que os refugiados refaçam sua vida e o exército da ONU tem que intervir em alguns lugares, embora eu seja contra guerras. Para mim, o brasileiro faz um bom trabalho com os imigrantes. Nós os acolhemos e oferecemos uma estrutura para inseri-los na nossa sociedade.

Rafael Santos, estudante de Jornalismo

Bete Andrade / ACI



Acredito que o problema da imigração forçada seja um problema universal e de responsabilidade de todos. O Brasil já recebeu refugiados durante a 2ª Guerra Mundial, e essas pessoas colaboraram para a construção do país. Creio que, apesar de todos os problemas políticos e econômicos, devemos lembrar que se trata de uma questão humanitária. Recusar asilo a essa população é quase como condená-las a morte, e é sempre importante fazer o bem.

Danilo Shiguero Kuriki, ex-aluno de Sistemas da Informação e funcionário da DTI

Direitos das pessoas com deficiência

Professor em palestra no STF

O professor Luiz Alberto David Araújo (Pós em Direito) participou de reunião no Supremo Tribunal Federal (STF), em 16/10, para discutir o respeito dos direitos das pessoas com deficiência e do Estatuto da Pessoa com Deficiência (sancionado pela presidente Dilma Rousseff em julho). “Recebi o convite com muito orgulho, já que cuido do tema há algum tempo e, de certa forma, esse é um reconhecimento pelo meu trabalho desenvolvido até agora”, relata Araújo, líder do grupo de pesquisa Proteção Constitucional da Pessoa com Deficiência.

A atividade fez parte de um novo projeto do ministro Edson Fachin, mestre e doutor em Direito pela PUC-SP, o *Hora da Atualização* – encontros mensais entre Fachin, seus assessores e um especialista em temas que consideram importantes.

Araújo, que avalia o encontro como muito positivo, destaca a abertura de espaços como esse para discutir os direitos das pessoas com deficiência: “Um ministro do STF interessado em ouvir e falar sobre o assunto, ainda novo e pouco conhecido, é um passo relevante para a inclusão social. Não podemos perder de vista que, pelo último censo, 23,9% da população brasileira apresenta alguma deficiência”. **(L. P.)**



Prof. Luiz Alberto (sentado, de gravata borboleta) no STF, ao lado do ministro Edson Fachin, sua equipe e assessores de outros ministros

Feira de troca de livros

Intercâmbio de ideias



Leticia Peixouto / ACI

Comunidade retirou 531 obras na primeira edição da Feira de Doação e Troca de Livros; no total, 798 publicações foram doadas

A 1ª Feira de Doação e Troca de Livros da PUC-SP conseguiu que 531 obras mudassem de dono no dia 30/9, no campus Monte Alegre. Realizada pela Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias e pelo Setor de Atendimento Comunitário (PAC), a iniciativa recebeu, no total, 798 publicações – incluindo, além daquelas doadas por professores, estudantes, ex-alunos e funcionários, contribuições da Educ e da Biblioteca “Nadir Gouvêa Kfourir”. “Nosso desejo é despertar o interesse e o gosto pela leitura e por livros de diferentes categorias, incentivando o hábito de ler”, afirma o pró-reitor Jarbas Vargas Nascimento.

“As pessoas passavam e perguntavam quando seria o próximo evento. Diziam ter material para trazer”, conta Mônica Nascimento, do PAC. Ela cita que há atividades desse tipo na cidade, organizadas por bibliotecas, mas com ênfase em Literatura. Aqui na Universidade, diz, as trocas são mais de livros técnicos. “Atendemos alunos com dificuldade para adquirir material e pensamos em criar a feira. Além de alternativa para esse público, é uma forma de envolver a comunidade como um todo e de incentivar a leitura”, explica.

As obras que sobraram estarão disponíveis nas próximas edições da feira, uma vez que a ideia é realizá-la periodicamente. O campus Consolação a recebeu em 28/10 (após o fechamento deste número de **PUC-SP em Notícias**) e o campus Monte Alegre a terá novamente dia 11/11. Para saber como participar, acesse www.pucsp.br/pac.

Informações: (11) 3670-8035 ou recepac@pucsp.br. **(T. Pa.)**

Concílio Vaticano II Dicionário inédito em Teologia



Thais Polato / ACI

Os professores João Décio Passos e Wagner Sanchez (à esq. e à dir. na foto acima), ambos do Departamento de Ciências da Religião, são responsáveis por um feito pioneiro: organizaram o primeiro dicionário da área de Teologia produzido no Brasil. O tema escolhido para o livro, lançado em junho e com a segunda edição já em andamento, foi o Concílio Vaticano II. “Nossa obra é original e, em muitos aspectos, inédita. Foi pensada e organizada a partir da experiência de recepção do Vaticano II na América Latina e visa fazer memória ao grande acontecimento, resgatar seu espírito e seu propósito, além de sistematizar as questões que lhe foram centrais”, afirma Passos.

A publicação conta com 74 colaboradores – escolhidos, segundo os organizadores, pelo critério da competência no assunto e por comporem um leque diversificado de tendências e escolas teológicas. “Participaram desde teólogos muito conhecidos, como Leonardo Boff, José Oscar Beozzo e Carlos Josaphat, outros mais novos e menos conhecidos, até cientistas da religião e de outras áreas”, ressalta Passos, que considera o Vaticano II o maior dos concílios e o mais importante evento religioso do século 20. “Ele significou uma virada decisiva da Igreja em sua relação com a sociedade, com as ciências e o pensamento moderno e com as demais religiões. Ela passou de uma postura fechada e autossuficiente para uma postura de diálogo com as novas realidades”, afirma o docente.

O lançamento do livro (editoras Paulus e Paulinas) se insere nos 50 anos de conclusão do Concílio Vaticano II e está dentro de um projeto mais amplo de pesquisa sobre a temática, em curso no Departamento e no Pós em Ciências da Religião. Ligada à obra estão também uma coleção chamada *Marco Conciliar*, da editora Paulus, e outros estudos em fase de planejamento. **(T. P.)**

Prêmio Capes Menção honrosa a tese da PUC-SP

A aluna Roseli Regis dos Reis recebeu menção honrosa do *Prêmio Capes de Tese 2015*. O trabalho de doutorado, que teve como tema *Juventude e Conhecimento Escolar: um estudo sobre o (Des)interesse*, foi defendido em 2014 sob a orientação do professor José Geraldo Silveira Bueno, no Pós em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS).

No dia 22/9, a pró-reitora de Pós-Graduação, Maria Amalia Andery, homenageou Roseli e seu orientador, além de presentear cada um deles com um tablet. Os professores do programa participaram da atividade. “Nosso intuito é valorizar as conquistas das pessoas que compõem a nossa pós-graduação, dar visibilidade às pesquisas, aos pesquisadores e aos docentes envolvidos em um trabalho tão bem-sucedido. Parabéns a todos e continuem contando com o apoio da Pró-Reitoria”, afirmou Maria Amalia.

O orientador de Roseli enfatizou a qualidade da tese e afirmou ter recebido a notícia da menção honrosa com muita satisfação. “Destaco a importância deste prêmio para os orientadores, a Faculdade de Educação e a PUC-SP”, afirmou.

Em 10/12, às 18h, em Brasília, haverá uma cerimônia de premiação na sede da Capes. Roseli receberá ainda R\$ 5 mil da Fundação Carlos Chagas, como gratificação pela menção honrosa. **(T. P. e L. P.)**



Thais Polato / ACI

A pró-reitora Maria Amalia Andery (ao centro) homenageia a aluna Roseli Regis dos Reis e seu orientador José Geraldo Silveira Bueno

Tecnologias e Educação

Um desafio de 40 anos

Thaís Polato

Quase mil e duzentos mestrados e doutorados concluídos, local de formação e de trabalho para grandes pensadores e atores da área educacional no país, o Pós em Educação: Currículo tem muito a comemorar ao chegar, em 2015, a seus 40 anos. Foi o que fez, entre os dias 21 e 23/9, no Tuca, realizando ao mesmo tempo dois de seus principais eventos, o *IV Seminário WebCurrículo* e o *XII Encontro de Pesquisadores em Currículo*. As atividades tiveram participações internacionais, além de pesquisadores e professores ligados ao programa.

“Completar 40 anos e pensar as próximas quatro décadas é sem dúvida uma encruzilhada, principalmente porque foi neste período que se fizeram os primeiros grandes estudos sobre a Tecnologia na Educação. Será que conseguimos melhorar esse campo e formar cidadãos mais preparados para o mundo em que vivemos?”, questionou António Dias de Figueiredo, professor da Universidade de Coimbra (Portugal) e detentor do título de *Sigillum Magnum* pela Universidade de Bolonha (Itália), durante palestra de abertura do evento.

Para Figueiredo, no mundo global de hoje, centrado no conhecimento, todos competem entre si. “A grande ameaça educacional, num contexto em que predomina a lógica de mercado sobre a da cidadania, é termos escolas distantes da realidade, cumprindo a missão tradicional de produzir bons funcionários. Já a grande oportunidade é termos escolas criando cidadãos capazes de exercer autonomamente sua capacidade para criar valor e empreender”, afirma. Em termos de Tecnologia, o pesquisador salienta que não adianta as inovações se centrarem na utilização pedagógica de computadores, tablets, celulares, web ou redes sociais. “É preciso apostar em uma Educação mais sustentável e transformadora. O que é novo, e não era possível há 40 anos, é que hoje professores, pais e cidadãos interessados em renovar



Thaís Polato / ACI

António Dias de Figueiredo profere a conferência de abertura do WebCurrículo

a Pedagogia podem se associar nas redes sociais e se constituir em grupos de pressão que fomentem a mudança”, defende.

Dados apresentados durante o seminário apontam que, desde 2010, a questão das Tecnologias ligadas à Educação ganha cada vez mais espaço nas pesquisas do programa. Guilherme Canela Godoi, assessor regional de Comunicação e Informação da Unesco para o Mercosul e Chile, afirmou durante sua palestra que o assunto também está entre aqueles que sua entidade considera centrais, não só no Brasil e na América Latina, mas no mundo todo. “As implicações são brutais para a sociedade do conhecimento. Em 40 anos, o curso de pós-graduação da PUC-SP soube não somente acompanhar como pautar esse tema tão importante. Infelizmente, isso não é comum em todas as Faculdades de Educação”, ressaltou.



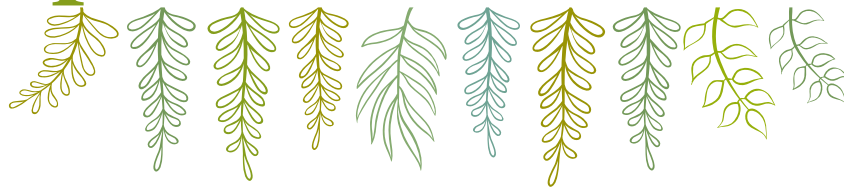
Thaís Polato / ACI

A mesa de autoridades que marcou o início das atividades acadêmicas que comemoraram os 40 anos do Pós em Educação: Currículo



Campus Sorocaba

Doação de plantas ao Jardim Botânico



Henrique Affonso

O Herbário do Jardim Botânico “Irmãos Villas-Bôas”, em Sorocaba, está mais completo. A Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde cedeu, até o momento, 170 exemplares de plantas secas e mais que dobrou o acervo do órgão, que agora abriga novos dados sobre a flora local. O material é fruto de pesquisas de graduandos de Ciências Biológicas no Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, no Parque Ouro Fino, no próprio Jardim Botânico e em outros parques da região.

“Nosso acervo foi construído ao longo de 22 anos. São mais de 2000 exsicatas [planta seca prensada e fixada em cartolina, catalogada e etiquetada com informações para estudos]. Como a cidade possui Jardim Botânico, é justo retribuir ao município, que sempre cedeu seus espaços para pesquisas”, afirma a professora Vilma Palazetti de Almeida, coordena-

adora do curso.

“Quando se coletam amostras de vegetação, é preciso depositar alguns exemplares em um herbário. O Jardim Botânico “Irmãos Villas-Bôas” tem um importante papel para o conhecimento das espécies, para fins de reflorestamento, atração de aves, paisagismo dos parques e ruas, além de ser um testemunho da flora do município e da região”, explica Vilma. Um herbário funciona como uma biblioteca de exsicatas, expressando a diversidade vegetal local e reunindo informações (como propriedades medicinais ou tóxicas das plantas e em quais fragmentos florestais elas se encontram). O órgão contribui para recuperar e conservar a flora, além de melhorar a qualidade de vida da população – pois espaços vegetados aumentam a umidade relativa do ar e amenizam a temperatura na cidade.

Felipe de Melo / SZS Comunicação



Para Vilma Palazetti de Almeida, doação é uma “retribuição ao município, que sempre cedeu seus espaços para pesquisa”



Ewerton Vianna / SZS Comunicação

Deborah Grohmann Tondo Haro: pesquisa valoriza o aspecto humano para diminuir a angústia de pais no cuidado dos filhos prematuros

Educação em Saúde

Pais e filhos prematuros

Ewerton Vianna

O avanço tecnológico permite sobrevivência maior aos recém-nascidos prematuros, mas tem como consequência internações prolongadas nas Unidades de Terapia Intensiva neonatal (UTI). A angústia e estresse que tal situação causa nos pais levam à necessidade de ajudá-los psicologicamente para o momento em que seus filhos deixarão o ambiente hospitalar.

Difundir uma assistência de Enfermagem com foco na preparação dos progenitores para a alta de bebês que nasceram antes do tempo é o tema da dissertação de Deborah Grohmann Tondo Haro. Ela apresentou sua pesquisa de mestrado profissional no Pós Educação nas Profissões da Saúde dia 7/10.

Para embasar seu estudo, desenvolvido sob orientação da professora Gisele Regina de Azevedo, a autora, que atua em um hospital particular de Sorocaba, ouviu os

problemas enfrentados pelos familiares após a alta do filho prematuro. Após a análise, observou-se que os enfermeiros estavam centrados na atenção ao recém-nascido mas sentiam-se ameaçados com a presença dos parentes na UTI, o que dificultou compartilhar os cuidados com a criança.

Deborah capacitou a equipe de Enfermagem para inserir os progenitores nos cuidados com o bebê e avaliou a adaptação das famílias em casa, após a saída da instituição de saúde. “Com nossas orientações contínuas, o aspecto humano passou a fazer parte dos cuidados. Os pais tiveram a autonomia destacada e os enfermeiros começaram a valorizar o sentir, e não apenas o fazer. A competência técnica salva vidas mas não o sentimento de adultos e recém-nascidos, que deve ser reconstruído com a ajuda da equipe e a fé familiar”, conclui.



Palavra da reitora

A educação aponta caminhos para ler o mundo. No entanto, essa leitura tem ficado mais difícil. Nossa realidade é complexa e conectada, o que torna a formação dos jovens uma missão mais árdua – e, portanto, cada vez mais necessária. É preciso preparar a juventude a viver, conviver e trabalhar em meio à contemporaneidade, mas sem deixá-la perder de vista a preocupação com o bem comum, que é fundamento de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. Para isso, há um caminho: a educação deve procurar não apenas construir conhecimento, mas também transmitir valores. Cabe ao docente ensinar seus alunos a enxergar além da fugacidade cotidiana, permitindo-lhes entrever uma base sólida em que eles possam se apoiar em meio à contingência dos tempos atuais. Espera-se que ele incuta nos estudantes a necessidade de respeitar as diferenças e a discordância de pensamento, sem diminuir a capacidade dos jovens em formação expressarem suas próprias opiniões. Esse foi o caminho que a PUC-SP escolheu e desenvolveu ao longo de toda a sua história; é o cerne da educação humanista que a Universidade oferece aos seus acadêmicos. Sabemos que, para executá-la, contamos com professores que atuam e se esforçam para preparar não apenas profissionais para o mercado de trabalho mas também cidadãos para a vida em coletividade, fazendo de sua missão educativa um compromisso com a transformação da humanidade e da sociedade brasileira.

Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Ex-aluno do Direito Na luta para aprimorar o ProUni



Thais Polato / ACI

Antonio Ananias da Silva: da atuação estudantil para a advocacia em projetos sociais e a militância partidária

No final de 2015, Antonio Ananias Henrique da Silva deixa a Comissão Nacional de Acompanhamento e Controle Social (Conap) do Programa Universidade para Todos (ProUni). O graduado em Direito pela PUC-SP é o atual presidente do órgão, que existe desde 2008 para fiscalizar o ProUni e reúne estudantes universitários e secundaristas, membros dos governos federal e estaduais, da sociedade civil e das instituições. “Temos ouvido beneficiários e a sociedade para resolver os problemas e aprimorar o programa”, diz. Dois pontos têm sido estudados pela Conap: a continuidade dos prounistas nas instituições e as bolsas de 50%. Para minimizar o primeiro caso, a ideia é ampliar o subsídio de permanência ou propor um crédito do governo. Sobre as verbas de 50%, afirma: “Muitas universidades aproveitam e criam situações para não oferecerem a bolsa integral. O índice de evasão na modalidade é alto, mais de 30%. A Conap se debruça sobre questões dessa natureza, que ainda existem”. A Comissão realiza seminários regionais envolvendo bolsistas e instituições. Ela se articula ainda com as Comissões Locais de Acompanhamento e Controle Social (Colaps). “Mas é difícil organizar estes órgãos porque as universidades temem a participação estudantil, não estimulam o processo eleitoral e instituem elas mesmas as Colaps. A PUC-SP é das poucas exceções”, diz sobre a Universidade, que considera “com-

pleta, acessível e acolhedora do prounista”. Silva participa do movimento estudantil desde o ensino médio e atuou nas discussões que criaram o ProUni. Mas defende que, após dez anos, é hora de repensá-lo: o programa cumpriu o papel de acelerar o ingresso dos jovens filhos de trabalhadores no ensino superior, argumenta, mas as instituições privadas têm limitações. “São voltadas para o negócio, não fazem pesquisa e os professores têm titulação abaixo do recomendado. A qualidade é inferior”, pondera. “O ProUni era emergencial e se aliava à expansão da rede federal, que parou há cinco anos. O setor cresceu apenas nas privadas, e com financiamento governamental”. A solução, reflete, é implantar nas federais cotas de 50% para oriundos de escola pública e afrodescendentes. Defender a população foi a decisão profissional de Silva. Advogado, atua com projetos sociais, área em que também constrói sua militância política. Foi secretário-geral da União Nacional dos Estudantes (UNE) de 2009 a 2011 e filiou-se ao Partido Pátria Livre (PPL) em 2009 (o registro partidário saiu em 2011). Em 2012, concorreu à Câmara paulistana. “Ajudar a organizar o partido é a luta que escolhi para melhorar minha vida e a de meus amigos”, diz ele, que integra o Diretório Nacional e a Secretaria-Geral do PPL no Estado de São Paulo. **(T. Pa.)**



Arte: História, Crítica e Curadoria

Arquivo Bienal inclui pesquisa da PUC-SP

Thiago Pacheco

A iniciação científica da aluna Mariza Moreira Mainieri, da graduação em Arte: História, Crítica e Curadoria, passou a integrar a Coleção Bibliográfica do Acervo Histórico Wanda Svevo, da Fundação Bienal de São Paulo. Com isso, a pesquisa pode ser utilizada como referência em estudos das Bienais. “A indicação reafirma a importância do pesquisador, sobretudo no Brasil, que carece de conhecimento de sua própria história da arte. É uma grande satisfação ter o trabalho reconhecido depois da dedicação e cuidado”, afirma Mariza.

Fabio Cypriano, coordenador do curso e orientador do estudo, explica que o Arquivo Bienal, um dos mais importantes centros de documentação da arte brasileira, contém todo o processo de criação da mostra, desde sua fundação (em 1951) até o presente. O acervo inclui cartas e documentos de artistas brasileiros e estrangeiros, além de material sobre o evento. “A inclusão desse estudo no Arquivo representa algo essencial nos objetivos da nossa graduação: fornecer pensamento crítico e pesquisa no contexto brasileiro”, declara.

O trabalho aborda a 16ª Bienal (1981), que teve curadoria de Walter Zanini (1925-2013). Ele aboliu a divisão por país – formato de difícil ruptura, de acordo com Mariza, mantido até hoje pela Bienal de Veneza. “Zanini utilizou o conceito de analogia de linguagens para distribuir as obras no espaço expositivo e incorporou expressões artísticas em novas mídias como a vídeo-arte, livro de artista, arte-xerox, vídeo texto, cinema, entre outras. Apostou ainda na Arte Bruta e Arte Postal, que estavam à margem das ‘artes consagradas’”, conta. A aluna resume a contribuição de Zanini para a arte brasileira: “Sua vontade de ampliar a investigação e a reflexão sobre o campo artístico promoveu um diálogo entre artistas, professores e pesquisadores. Ele reformulou práticas museológicas, abrindo caminho para experimentações com novas tecnologias, estimulou e colaborou para consolidar a produção contemporânea”. O estudo integra projeto mais amplo sobre Histórias das Exposições, organizado pelos docentes Cypriano, Cauê Alves e Priscila Arantes, que possui mais duas iniciações científicas em processo.



Thiago Pacheco / ACI

A pesquisadora Mariza, com cópias dos catálogos da 16ª Bienal

Medicina

32º Congresso da Sumep

A Sociedade Universitária Médica de Estímulo à Pesquisa (Sumep), formada por estudantes de Medicina, promoveu seu 32º Congresso, entre 5 e 8/10. A mesa inicial contou com Godofredo Campos Borges (diretor da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde), o vice-reitor José Eduardo Martinez, Jefferson de Oliveira Delfino (presidente da Sociedade Médica de Sorocaba) e Nelson Boccato Júnior (Colégio Brasileiro de Cirurgiões). Além de palestras e cursos

práticos com profissionais renomados nas áreas clínica e cirúrgica, o congresso homenageou médicos formados na 1ª turma do curso da PUC-SP. Houve ainda exposição de painéis e apresentações orais de trabalhos – foram premiados os melhores em quatro categorias. Neste ano, a Sumep criou um novo prêmio para as Ligas Acadêmicas, com o nome “Dr. Eduardo Guimarães Hourneaux de Moura”, fundador da entidade. **(E. V.)**



Ewerton Vianna / SZS Comunicação

Mesa de abertura do evento, na noite de 5/10, reuniu médicos e autoridades da Universidade



Cartografia digital e marketing Novos ambientes em Geografia



Mara Fagundes

Um mercado cada vez mais diversificado, dinâmico e integrado às novas tecnologias é o cenário encontrado por quem se forma hoje em Geografia. As salas de aula não perderam o prestígio para quem pretende seguir carreira docente, mas, nos últimos anos, passaram a dividir a oferta de profissionais com campos que mesclam ferramentas digitais, cartografia e análise territorial.

A aluna Camila Borges Leal Dias iniciou a carreira inserida nesse novo perfil. “Trabalho no Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo, na área de geoprocessamento. Faço uma ‘renovação’ dos desenhos da rede hidrográfica do Estado. Aqui me deparei com a produção cartográfica digital, algo completamente diferente do que fazia na escola, quando copiava os mapas a mão”.

Com uma formação mais completa e atualizada, o geógrafo se tornou peça chave no processo de tomada de decisões das empresas privadas. Cresce o número de oportunidades, por exemplo, em geomarketing, cruzamento de estratégias de negócio, informações territoriais, socioeconômicas e outros elementos de um determinado espaço. “Não é um conceito novo, tem aproximadamente 15 anos. Mas o sucesso deste campo tem sido cada vez maior”, afirma o coordenador da graduação em Geografia, professor Gustavo Coelho.

O coordenador de Transferência de Tecnologia do Centro de Estudos da Metrópole (CEM), Daniel Waldvogel Thomé da Silva, que foi aluno da PUC-SP, acrescenta que as novas habilidades do geógrafo são fundamentais no setor público. “Levando-se em conta o tamanho continental do Brasil, nossa carência de base de dados e a demanda por políticas públicas, o geoprocessamento pode ser considerado a lanterna que ajuda a responder a questão do ‘onde agir’”, acrescenta. Para ele, a área continuará em expansão tanto no ensino quanto na esfera técnica: “Há um número ainda pequeno de profissionais para ambos os lados. Mesmo nas escolas, a demanda por professores de Geografia é enorme”.

Em meio aos softwares especializados no mapeamento digital e às diversas ferramentas disponibilizadas inclusive pelo Google Maps e Google Earth, como as modelagens em 3D, a necessidade de modernização se tornou praticamente obrigatória, inclusive nas grades universitárias. Muitas ofertam especializações para inserir os novos conhecimentos geográficos. “Na PUC-SP, o interesse dos graduandos por esses campos nos levou a aperfeiçoar o currículo. Quem não for atrás das novidades vai ficar fora do mercado”, completa o professor Coelho.

Expediente

Grão-chanceler: Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Reitora: Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Vice-reitor: Prof. Dr. José Eduardo Martinez

Pró-reitores:

Profa. Dra. Alexandra Fogli Serpa Geraldini (Educação Continuada)

Prof. Antonio Carlos Gobe (Planejamento, Desenvolvimento e Gestão)

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (Cultura e Relações Comunitárias)

Profa. Dra. Maria Amália Pie Abib Andery (Pós-Graduação)

Profa. Dra. Maria Margarida Cavalcanti Limena (Graduação)

Chefe de Gabinete: Prof. Dr. Lafayette Pozzoli

Assessoria de Comunicação Institucional (ACI)

Assessor de Comunicação: Claudio Junqueira (MTb 43.193)

Coordenadora: Thaís Polato (MTb 30.176)

Editor: Thiago Pacheco (MTb 45.691)

Reportagem: Bete Andrade (MTb 77.750) e Mara Fagundes (MTb 63.091)

Estagiária: Letícia Peixoto

Projeto gráfico e editoração: Dialoog Comunicação

Impressão: Arcian Comunicação Visual

Tiragem: 3.000 exemplares

Redação: Rua Monte Alegre, 984, sala T-34 - Perdizes, São Paulo, SP

CEP 05014-901 - Tel.: (11) 3670-8002 e 3670-8003

E-mail: imprensa@pucsp.br



Entrevista do Mês

Rafael Araújo

Redes sociais a serviço da política

Bete Andrade

“O político que não tiver perfil ou página em redes sociais vai ficar para trás”, alerta o professor Rafael Araújo, sociólogo e professor do Departamento de Política. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte Mídia e Política (Neamp), Araújo atua em temas como políticas públicas, tecnologias da comunicação e informação, arte, política e sociedade. Também acaba de lançar o livro *A experiência do horror – Arte, pensamento e política*, fruto da sua tese de doutorado, em que analisa o horror como uma estratégia de compreensão da condição humana. Nesta entrevista para PUC-SP em Notícias, ele fala sobre a mobilização pela internet e a importância desse fenômeno no cenário político nacional.

A presença de políticos na rede social é um fato irreversível?

Sim, porque hoje você tem mais audiência na internet do que nos veículos tradicionais, além da possibilidade de ter exposição permanente da figura do candidato. Como a rede social acompanha o eleitor ou cidadão o dia inteiro, a qualquer momento ele tem a oportunidade de receber conteúdo que vai alimentar continuamente a imagem do candidato. É o que chamamos de marketing político. O uso dessas mídias humaniza o político e o deixa em contato direto com seu eleitorado. Isso diminui a rejeição, aproxima e cria vínculos de identidade entre ele e os eleitores.

Como você analisa as grandes manifestações de rua que tiveram início na internet?

Estamos vivendo um fenômeno que começou no Brasil em 2011 e implica na forma como a sociedade civil, de maneira geral, se apropriou das tecnologias como meio de mobilização política. Esse elemento veio para ficar, não é uma moda. Isso acontece porque o empoderamento da população permite que ela se organize de modo fácil, sem custo e prejuízo, assim como ponha em prática sua participação repassando as informações pelas redes sociais. Também permite que as pessoas saiam por aí dizendo que são politizadas, dá a elas a sensação de que estão participando da história do país e faz com que se sintam incluídas dentro do processo político.

O fenômeno vai então continuar? A que fatores você credita o sucesso desses atos?

Sim. Isso pode passar em relação à presidente Dil-

ma, mas pode voltar por diversas outras questões. A primeira passeata contra o governo, em março, por exemplo, aconteceu daquela maneira por um grande erro estratégico. O Partido dos Trabalhadores (PT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e os movimentos sociais se organizaram para fazer uma passeata gigantesca na avenida Paulista dois dias antes desse evento por conta da convocação feita por parte da direita para o dia 15/3. Os lados começaram a medir forças e só serviu de incentivo para quem nem estava pensando em ir. Outro fato determinante para o sucesso da manifestação de março foi a forma deliberada como a Rede Globo convocou as pessoas. Houve uma chamada por broadcast, a emissora suspendeu a programação do dia todo e até o jogo de futebol tradicional da tarde foi transferido para a manhã. Contudo, observamos que a participação nas manifestações tem caído de março para cá, porque o perfil dessas pessoas não é o daqueles que se engajam politicamente.

É interessante observar que, após essas manifestações, a presidente optou por aparecer mais nas redes sociais. Foi estratégico?

Quando ocorreu o primeiro painel, os meios de comunicação tradicionais cuidaram para que o movimento tivesse uma repercussão gigantesca. Ele aconteceu em poucos locais, mas havia ali câmeras esperando para fazer o registro, que em seguida foi exibido no Jornal Nacional. Esses mesmos meios de comunicação ampliaram o evento, o que deu força para o segundo painel. Quando monitoramos o movimento nas redes sociais as vésperas do pronunciamento da presidente no Dia da Mulher, percebemos que há uma movimentação muito pequena. Quando o pronunciamento tem início, a participação ainda é modesta. Após aproximadamente cinco segundos começa uma intensificação gigantesca de trocas informacionais com a palavra “painel”. Esse comportamento que dá uma audiência absurda de uma hora para outra não acontece sozinho nunca. Na internet, a audiência em geral vai acontecer de uma forma gradativa. No pronunciamento seguinte, as pessoas já estavam a postos para bater painel. Ninguém se propôs a ouvir o que estava sendo dito, o que revela um comportamento infantil por parte da população, do tipo “eu sou contra você e não quero nem saber o que você tem a dizer”. No Dia do Trabalho, em que há tradicionalmente uma declaração do presidente da República, Dilma optou por usar as redes sociais. Foi uma estratégia acertada, porque lá ela conta com uma rede própria de apoiadores para divulgar aquele pronunciamento. No final das contas, a oposição reclamou muito porque ela não foi para a TV, fato que



Bete Andrade / ACI

ampliou ainda mais sua visibilidade, fazendo com que esse fosse o pronunciamento de maior audiência da Dilma.

Você acaba de lançar o livro *A experiência do horror – Arte, pensamento e política*, fruto da sua tese de doutorado. Do que trata a obra?

O que faço ali é tomar o horror como uma estratégia de compreensão da condição humana. Não é um livro sobre obra de arte, na verdade ele toma tanto a obra de arte como o pensamento de alguns filósofos como um meio para se chegar a uma reflexão sobre o horror, passando por Karl Marx, Hannah Arendt, Friedrich Nietzsche, Francisco de Goya, Pablo Picasso, Francis Bacon, entre outros. Trata-se de uma inovação metodológica que desenvolvemos no Neamp: a obra de arte tem a mesma importância que a literatura, a ciência e a filosofia como um meio de fornecer informações para a produção de conhecimento. No livro também estabelecemos uma tipologia de horror, estabelecendo algumas estratégias para se pensar a condição humana. A experiência do horror é a essencial do ser humano, sem ela você não toma consciência dos problemas e não tem nenhum tipo de impulso para a ação política. Ela é sempre uma reação absolutamente necessária para a gente ser o que é, seja na produção de soluções para os nossos problemas ou para a construção de um futuro e de novas maneiras de sociabilidade.